



Palhano Versus Richet: A Ousadia de Um Pioneiro Espírita do Amazonas Questionando Um Cientista Laureado¹

José Alberto da Costa Machado²

Dedico este artigo ao amigo e irmão de ideal espírita Samuel Magalhães. Foi por seu incentivo e exemplos que começamos a nos interessar e a pesquisar sobre o assunto. Suas obras sobre Charles Richet, Anna Prado e sobre os primórdios desse movimento no Amazonas são exemplos concretos de sua dedicação.

Introdução

O estudo do Movimento Espírita no início do século XX, na cidade de Manaus, Amazonas, revela uma pujança que impressiona. O contexto e alguns fatores que a explicam foram expostos por Melo e Melo (2009) e Machado (2009a). Com o propósito de apreender a dinâmica que o caracterizou, Machado (2009b) propõe um programa de pesquisa, no qual, entre os diversos temas, encontra-se aquele destinado a caracterizar a ação dos pioneiros espíritas na sociedade e imprensa, buscando “identificar os papéis sociais que os protagonistas do início tinham e de fazer inferência sobre os fundamentos de suas convicções e o respeito que o movimento pode ter tido”.

Nesse sentido, tinha-se notícia de uma singular interpelação feita por Raymundo de Carvalho Palhano, destacado pioneiro espírita em terras amazonenses, ao eminente cientista francês Charles Richet, durante a visita deste ao Brasil, em 1908, estendida a Manaus até início de 1909. A interpelação foi motivada por uma conferência feita por esse sábio, no Rio de Janeiro, na qual teria negado a teoria espírita, tachando-a de absurda.

Considerando a estatura científica e internacional de Richet e a expressão da atuação de Palhano, que embora com muitos créditos limitava-se ao Amazonas, mais precisamente a Manaus, o fato emerge como inusitado.

À época, a cidade crescia rapidamente em população - pois em 1900 seu censo registrou 52.040 habitantes e em 1910 passou para 80.000 (Pinheiro, 2005) - e tinha conexões intensas com a Europa em razão do frenesi econômico, intelectual, cultural e político propiciado pelo ciclo da borracha. Mesmo assim, parece surpreendente que um personagem local, ainda que com relevante atuação intelectual e social, se levantasse para questionar o grande sábio francês.

Tendo em vista que as informações a respeito eram esparsas, pontuais e, quase sempre, envolvidas por um certo ufanismo, entendeu-se útil trazer à tona a real dimensão do ocorrido, caracterizando-o em seus aspectos essenciais.

¹ Trabalho apresentado no III Simpósio FAK: O Espiritismo nas terras amazônicas: origens, realizações e compromissos, em Manaus, de 23 a 27 de outubro de 2013.

² Trabalhador da Fundação Allan Kardec, como Presidente do Conselho de Representantes (CR) e Dirigente de Grupo de Estudos Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE).

Assim, o propósito deste trabalho é investigar, nas fontes originais, a troca de correspondências entre Palhano e Richet, na qual, aquele interpela este a respeito de sua negação da teoria espírita para explicar os fenômenos mediúnicos, tachando-a de absurda, em conferência no Rio de Janeiro, no final de 1908.

Para tanto, foram recuperados todas as edições do jornal **CORREIO DO NORTE** (N.ºs 215, 216, 217, 218, 220, 224, 225, 226, 227, 230, 234, 236 e 239) que trataram do assunto, bem como, as edições de **O GUIA** (N.ºs 41 a 58, exceto N.ºs 42, 46, 49 e 53, que não foram encontrados), onde também foram publicadas. As matérias foram todas redigitadas e conferidas a partir dessas fontes, em razão da difícil legibilidade e dificuldade de manuseio do material original. Em seguida foram analisadas.

Desenvolvimento

Os personagens

Charles Robert Richet (1850-1935) foi um célebre cientista francês (foto abaixo), respeitado internacionalmente como fisiologista emérito, descobridor da soroterapia e das causas do choque anafilático, que lhe valeria o Prêmio Nobel de Medicina de 1913, em razão de seus estudos sobre causas e profilaxia da anafilaxia. Além disso, era estudioso da aeronavegação, campo no qual fez pesquisas sobre voos de pássaros e se associou a projetos de invenção de aviões. Tornou-se conhecido, também, pelos estudos sobre os fenômenos de materializações, clarividência e similares, dando início a um novo campo científico que ficou conhecido como Metapsíquica. Entre os vários trabalhos sobre o tema, destaca-se o famoso *Tratado de Metapsíquica*, em 1922. Um amplo e aprofundado trabalho sobre a vida e obra desse eminente sábio encontra-se em Magalhães (2007).



Raymundo de Carvalho Palhano (1863-1948), de origem maranhense, tornou-se conhecido em Manaus, Amazonas, onde foi um respeitado farmacêutico, desenvolveu atividades políticas e foi professor e vice-diretor da Universidade Livre de Manáos (foto abaixo). Acima de tudo, foi um dos mais destacados pioneiros do Espiritismo no Amazonas, atuando como diretor da Federação Espírita Amazonense, da qual foi orador oficial, e também de outras casas espíritas. Sua grande tribuna como propagador do Espiritismo foi O GUIA, jornal mensal (às vezes quinzenal), do qual foi redator e principal responsável. Para o mesmo evento no qual este artigo será apresentado, outros trabalhos sobre o tema também o serão e poderão ser conferidos em seus anais: há uma excelente e pioneira biografia de Palhano em Braga (2013) e trabalhos tratando de sua contribuição pelas páginas de O GUIA em Melo e Machado (2013), Neves e Freitas (2013) e Lins e Machado (2013).



Os fatos

Conforme narra Magalhães (2007), em novembro de 1908 Richet chegou ao Rio de Janeiro, onde fez uma série de conferências sobre os temas de sua especialidade. Entre essas, proferiu uma na Associação dos Empregados do Comércio, em 03 de dezembro, sobre o tema “ciências ocultas ou metapsíquica” na qual discorreu sobre fenômenos de telepatia, clarividência, premonição, levitação, materializações e conexos. Durante essa conferência, Richet repudiou, formalmente, a teoria espírita para a explicação desses fenômenos. Os espíritas da capital federal, ao que parece, intimidados pela estatura científica do grande sábio, foram silentes ou muito comedidos na defesa dos postulados espíritas e o fato acomodou-se.

Do Rio de Janeiro ele se dirigiu a Manaus, onde chegou no dia 24 de dezembro, pelo vapor Olinda, na companhia de Richard de Biscuccia e de seu filho Charles Richet Filho. Vinha observar voos de pássaros amazônicos para embasar seus projetos de aeronavegação. Passou um mês no Amazonas (retornou para a Europa, pelo vapor Ambrose, em 23/01/1909) durante o qual recebeu as mais significativas atenções e viajou por diversos rios e regiões amazonenses, incluindo Maués e Anavilhanas, tendo recolhido vasto material para seus estudos.

Em Manaus, Palhano tomou conhecimento do resumo de sua conferência no Rio de Janeiro e constatando o estranho silêncio dos espíritas brasileiros, após meditar e consultar seus pares na divulgação doutrinária, “decidiu-se pelo questionamento ao estudioso francês, dado o ilogismo de suas conclusões e a fragilidade dos argumentos por ele exarados em sua mencionada conferência”. Preparou, então, uma bem fundamentada carta, datada de 18/01/1909, e enviou-lhe “indagando se o conteúdo do resumo de sua conferência, transcrita para o português, era de fato correspondente com os seus pensamentos de investigador, partícipe das averiguações realizadas por tantos cientistas em torno do assunto, ou se era fruto de erros de tradução” (Magalhães, 2007:184).

“Após alguns dias” (no dizer de Palhano, na edição nº 224, do Correio do Norte, de 08/09/1909) a carta foi respondida. Dada essa referência temporal e considerando que Richet informava que o fazia apressadamente, é de supor-se que ele respondeu enquanto ainda estava em Manaus. Pela resposta, Palhano interpretou que Richet mantinha sua postura científica de exigir novas provas, mas relativizava sua posição referente à teoria metapsiquista ser superior a espírita.

Como, porém, os adversários do Espiritismo começaram incorporar as manifestações de Richet como base para detratar os postulados doutrinários, Palhano resolveu publicar e comentar essa troca de correspondência com o grande sábio e o fez pelas páginas de um jornal de significativa circulação (tiragem de 5.000 exemplares diários, para uma população total estimada de aproximadamente 60.000, conforme

referido anteriormente), no período de 28/08 a 25/09/1909, nas edições referidas na introdução, bem como, o fez também, posteriormente, pelas páginas de O GUIA, no período de 15/01 a 15/10/1910, nas edições também referidas na introdução.

As matérias sobre os fatos

1- Palhano começou registrando sua dúvida quanto a conveniência ou não de levar adiante tal iniciativa. Julgava-se muito insignificante frente ao grande sábio e pensava ser uma grande temeridade, com potencial de levá-lo ao ridículo. Evocou um posicionamento de Ruy Barbosa em conferência de Haya, na qual este não hesitou em questionar uma grande autoridade do direito internacional; repassou várias situações da história na qual os sábios da ciência cometeram grandes equívocos em seus julgamentos sobre tema científico; evocou nomes respeitáveis que se expuseram para a defesa dos postulados espíritas, como Lombroso, Flamarion, Aksakof e outros; analisou o próprio avanço do pensamento de Richet em relação aos fenômenos mediúnicos que, no princípio, negando tudo, foi, pouco a pouco, após meticolosas experiências, constatando a veracidade de tais fatos a ponto de, corajosamente, admitir a materialização e, a clarividência;

2- Decidiu-se, por fim, escrever a Richet, e o fez com uma longa carta na qual informou que, após ler o resumo da conferência, na qual constava que ele, Richet, teria declarado “absurda e inaceitável a teoria espírita, pelo simples fato de um espírito que se disse Aristóteles haver dado tolas respostas e um outro esquecer-se do próprio sobrenome, ao passo que julga aceitável a materialista, que não pode abranger a maior parte dos interessantes fenômenos, confiado apenas em chegar ela um dia a esse desejado resultado!” (edição 218), entendeu que tal consideração pareceu visível contradição, inclinando-o a crer ter havido má tradução ou má compreensão das palavras do nobre sábio, que, ao ver dele, “não admite absurdo em tais casos, e cuja condição o coloca acima desse ilogismo”.

3- Em seguida, para justificar sua dedução, construiu um robusto raciocínio em torno das alegadas razões mencionadas por Richet em sua conferência, na qual incluiu outros tipos de interpretações para essas razões – especialmente em relação ao espírito que se disse Aristóteles – e, destemido, questionou o sábio:

E seria V. Excia que declara haver na natureza forças desconhecidas inapreciáveis aos nossos sentidos; que conhece, certamente, efeitos conscientes dessas forças que as teorias oficiais não explicam; que não teve medo de afirmar a realidade das materializações; que narrou o fato da criança de dois anos tocando e improvisando peças de piano verdadeiramente assombrosas; que combate a observação e o estudo com ideias preconcebidas, não sancionando assim o fanatismo científico; seria V. Excia mesmo capaz de se mostrar tão incrédulo e apriorista que chegasse a forçar a lógica, para recusar assim impiedosamente a teoria espírita, fechando-lhe, de par em par, as portas da ciência, que ela vai intrepidamente, conquistando dia a dia? (edição 220).

4- Recordou que a ciência oficial, em muitas situações - como sobre o movimento da Terra e sobre o magnetismo animal - depois de temerárias negações e até acusações injustas, teve de retratar-se humildemente, aceitando-os. Em seguida indagou a Richet:

Crerioso como é não se abalançaria a tanto, depois do quanto afirmou até a metade de sua conferência e antes de publicar uma obra de fôlego, combatendo opiniões competentíssimas de colegas seus, que sustentam a teoria espírita, baseado na observação positiva dos fatos. Necessariamente houve engano de audição, erro de tradução ou invertida compreensão de suas palavras. Além de tudo, porque taxar de absurda essa teoria, por muitos cientistas aceita, quando foi o próprio a verberar o procedimento dos que insurgem-se impensadamente contra coisas e ideias novas, classificando-as de absurdas? (idem)

5- Seguiu fazendo comparações entre a alma ou espírito como objeto abstrato de estudo com outros objetos da física e química, como o éter e o átomo, inicialmente concebidos apenas em moldes abstratos, e concluiu sua carta dizendo:

Enfim, seja como for, qualquer esclarecimento de V. Excia sobre estes pontos, será mais um benéfico auxílio, valioso serviço prestado a humanidade; terá, necessariamente, o poder de restabelecer a verdade, cujo desconhecimento só é motivo de ignorância e atraso (idem).

6- A resposta de Richet veio alguns dias após e, pela importância, segue transcrita na totalidade (edição 224):

Caro Senhor.

Fostes, verdadeiramente, muito amável na sua apreciação de minha obra sobre metapsíquica; assim, pois, permiti que eu me justifique da única censura que me fazeis de haver eu qualificado de absurda a teoria espírita.

Consentis que eu responda rapidamente? Em primeiro lugar, uma teoria não é justificada se não quando os fatos que ela esclarece são suficientes para tornar esta explicação a única possível.

Ora são necessárias muitas provas para que a teoria espírita seja admitida. A personalidade dos seres ou homens desaparecidos sobrevive? Toda questão é essa. Ora, até hoje nenhuma prova ou semelhança de prova foi apresentada.

Apenas eu tive nas experiências da sra. Piper com Jorge Polhan, algo de aproximativo. Mas de toda parte abundam provas em contrário. Se o médium é inglês, Aristóteles e Cervantes falam inglês; se o médium crê na reencarnação, Aristóteles e Cervantes têm a mesma crença.

Sua inteligência não revela-se mais como quando eram vivos, mas é sempre uma inteligência fraca, inferior mesmo à fraca inteligência do médium.

De modo que nada me permite crer, nem mesmo me inclina a crer, que a personalidade humana sobrevive à morte. Notai bem que a persistência dos átomos de carbono, do hidrogênio e do azoto que constituem o cérebro é um fato averiguado. Mas que importa isso à personalidade? O que importa é a conservação da memória, da inteligência, do caráter. Não posso admitir que meu pai sobrevive, se invocado por um médium, esquece-se de seu sobrenome e termina por dizer como desculpa:

No paraíso esquece-se muitas coisas. Phinuit que dizia-se médico francês, invocado por médium americano, quando se lhe perguntava porque não falava francês, respondia: “Tratei de tantos ingleses na minha clínica que esqueci-me de meu francês”.

Não, não e não! A prova da hipótese espírita, nem mesmo vagamente, foi ainda produzida; há fenômenos de materializações, há fenômenos de clarividência; mas os laços que os liga é desconhecido, e não se pode atribuir essas materializações, essas clarividências à persistência da vida intelectual entre os homens desaparecidos. Portanto, uma teoria que é cada passo contraditada pela estupidez das respostas que dão os supostos espíritos, me parece condenada a ser rejeitada, não para sempre talvez, mas ao mesmo provisoriamente, e eu conservo-me com a minha teoria X, teoria que um dia explicará tudo o que nós não compreendemos. Acreditei, caro senhor, em meus sentimentos de viva simpatia.

Charles Richet.

7- Palhano, ao analisar a resposta de Richet, deduziu, inicialmente, que ele “não julgou prudente dizer-nos tudo que sabe e, nem de outra forma se justificariam as contradições e ilogismo de sua conferência e a temeridade dos argumentos de sua resposta”. Mais adiante, considerou que o ilustre sábio apenas limitou-se a dizer porque tachou de absurda a teoria espírita

(...) sem preocupar-se com os argumentos por mim apresentados para demonstrar a insubsistência dos fundamentos alegados em sua conferência. Considerando-se, porém, que a resposta foi feita rapidamente, ao correr da pena, como costumamos dizer, não é muito estranhável que ao digno sábio hajam escapados os outros pontos de minha missiva e que a sua ressentia-se da mesma falta de lógica e de indispensáveis fatores que melhor amparassem suas deduções, deixando-as escoimadas de fragilidades, que não podem resistir à positividade dos fatos comprovados e à fria análise do raciocínio (idem).

8- Na edição 225, Palhano iniciou a análise mais profunda da resposta de Richet, fazendo as seguintes ilações:

Eu estava completamente crente que, se o professor Richet quisesse dispensar-me a subida honra de uma resposta, seriam desfeitas todas as minhas dúvidas quanto a autenticidade das opiniões que lhe foram atribuídas, ressaltando de sua carta a superioridade da teoria materialista sobre a espírita, o que traria como consequência, a recusa desta e a aceitabilidade daquela. Mas, com grande decepção para mim, assim não aconteceu. Todos os meus argumentos ficaram de pé, sem que sobre eles houvesse mínima referência, e quanto a preferência dada à teoria materialista o ilustre professor guardou completo silêncio, limitando-se a dizer que fica com sua teoria X, “que um dia explicará tudo o que não compreendemos”.

(...)

Não sendo, pois, a teoria X mais que uma incógnita a resolver, pode ser tanto materialista, que o prof. Richet, não obstante julgar aceitável, diz que não explica os fenômenos espíritas; como a espírita, que ele declara apresentar algumas aparências e não dever ser rejeitada para sempre, mas que considera absurda; como qualquer outra que surja no correr dos tempos.

Em todo caso, o dr. Richet na sua resposta não insiste em afirmar que a teoria materialista é aceitável, esquivando-se mesmo de fazer, nesse sentido, qualquer referência.

Sinto-me satisfeito por ver que o distinto sábio, silenciando sobre tal aceitabilidade, tacitamente renunciou a preferência estabelecida, colocando a teoria materialista no mesmo plano que a espírita.

(...)

E se essa renúncia não fosse a consequência natural de seu silêncio, ela estaria confirmada por esta preliminar estabelecida na resposta: “Uma teoria não é justificada senão quando os fatos que ela esclarece são suficientes para tornar esta explicação a única possível”.

Sendo o próprio Richet quem encarregou-se de dizer que a teoria materialista não explica todos os fenômenos espíritos ou metapsíquicos, claro é que ela não satisfaz à sua preliminar, tornando-se, por isso, injustificável e portanto, inaceitável.

Deste argumento é que não há para onde fugir, embora os fenômenos metapsíquicos não pudessem ser bem explicados pelo espiritismo.

Assim, pois, ou o insigne mestre retificou a opinião externada na conferência ou preferiu, por um requinte de delicadeza para com os jornalistas que tomaram-lhe o discurso, calar seu verdadeiro modo de pensar, deixando de patentear diretamente sua desaprovação às palavras que lhe foram atribuídas.

9- Nas edições seguintes (226, 227, 230, 234, 236 e 239) Palhano analisou, com cerrada lógica, cada detalhe da resposta do Dr. Richet, evocando estudos e experiências científicas apresentadas pelos mais diversos pesquisadores da época, destacando Conde de Rochas, Gabriel Dellane, Camille Flamarion, William Crookes, H. Durville, e muitos outros. Em todos esses estudos ficaram demonstradas a sobrevivência do espírito e de sua individualidade, bem como, a faculdade mediúnica como mecanismo para atuação dos seres desencarnados sobre o mundo físico.

10- A última matéria sobre o assunto foi publicada na edição Nº 239, de 25/09/1909, um sábado. Nessa edição Palhano começou a análise das experiências que Richet fizera com Jorge Pelhan nas quais obteve apenas algo aproximativo sobre a possibilidade de sobrevivência da personalidade, mas considerou que a linguagem e as crenças do espírito eram sempre iguais a do médium, que a inteligência daquele era sempre inferior à deste, inferindo, por essas razões, não ver no espírito, senão a personalidade do próprio médium. Infelizmente, as publicações foram interrompidas sem um fecho ou uma conclusão. Possivelmente porque Palhano viajou para os “portos do sul” em 05/10/1909, conforme noticiou o mesmo jornal, em sua edição 248, de 06/10/1909.

Uma apreciação dos fatos

Como se pode constatar, o assunto todo envolveu apenas uma carta de Palhano para Richet e a resposta deste para aquele, trocadas em forma de relações privadas. Não procede, portanto, a ideia de um debate público, pelos jornais, envolvendo réplicas e tréplicas, durante a estada de Richet em Manaus.

As cartas, certamente, foram trocadas em francês, mas foram publicadas em português, não procedendo, pois, as notícias de que teriam vindo para as páginas dos jornais naquele idioma.

Embora robustamente fundamentada, a carta de Palhano parece não ter impressionado ou causado algum efeito significativo em Richet. A resposta deste foi quase protocolar e, como ele ressaltou, feita apressadamente.

As matérias sobre o assunto só vieram a público, pelo jornal CORREIO DO NORTE, em 28/08/1909, sete meses após a ocorrência e, pelo jornal O GUIA, somente um ano após, em janeiro de 1910. Há, pelo menos, duas hipóteses para tal demora.

Na primeira, pode-se supor que houvesse a expectativa de Palhano de que, após retornar a França, Richet se dignaria a analisar com mais atenção o seu bem fundamentado arrazoado. Na segunda, é plausível inferir que os adversários do Espiritismo tenham começado a fazer uso das opiniões de Richet para combater as ideias espíritas, tendo então Palhano entendido útil tratar publicamente a matéria, aproveitando para fazer uma sólida e profunda defesa das teses doutrinárias. Neste caso, mas do que responder a Richet, Palhano estaria respondendo mais diretamente aos adversários da doutrina.

Cabe registrar o espaço tomado pelas matérias. Foram treze edições de um relevante jornal diário, quase sempre na primeira ou segunda página. Isso sugere que os editores dos jornais – Heliodoro Balbi e Adriano Jorge – ou eram simpáticos à causa espírita ou foram levados a concordar com tal iniciativa por alguém com relevante influência no jornal – por exemplo, Carlos Theodoro Gonçalves, líder espírita destacado da época e um dos dirigentes do Partido Revisionista do Amazonas, a quem pertencia o jornal. Seja como for, a sucessão de matérias foi uma longa e bem estruturada defesa pública do Espiritismo, tomando como *leit-motiv ou fio-de-Ariadne* as correspondências trocadas entre Palhano e Richet.

Por último, destaque-se que uma iniciativa de tal envergadura precisava de alguém com cultura sólida e ampla, especialmente em termos científicos. Das matérias analisadas, fica claro que Palhano foi brilhante nessa empreitada. Sua lógica cerrada e seu conhecimento atualizado de tudo que ocorria no mundo nas fronteiras da ciência e das investigações psíquicas são sobejamente demonstrados. Em alguns momentos ele pareceu perplexo com a forma quase simplória com que Richet considerava os fatos psíquicos, como o caso em que este reclamou de o espírito se dizer Aristóteles e parecer um néscio, como se não fosse claro que o fato foi uma grosseira mistificação ou um reles animismo.

Enfim, o material analisado, mais do que uma controvérsia com um sábio de renome, é uma peça eloquente de defesa do Espiritismo feita por um culto, racional, intemorato e bem fundamentado propagador.

Considerações Finais

Magalhães (2007: 186) informa que Richet foi, gradativamente, convencendo-se das teses espíritas. Suas obras – Tratado de Metapsíquica, No Limiar do Mistério e A Grande Esperança – atestam a evolução do pensamento dele na direção dos postulados espíritas. Informa também, que em correspondência a Ernesto Bozzano, publicada no jornal londrino *Psychic News*, de 30/05/1936, ele confidencia:

O que supunha é verdade. Aquilo que nem Myers, nem Hodgson, nem Oliver Lodge conseguiram realizar, obteve-o você com suas magistrais monografias, que sempre tenho lido com religiosa atenção. Elas oferecem um estranho contraste com as teorias obscuras que intumescem nossa ciência.

Se Palhano ajudou nesse sentido ou não, dificilmente se saberá. O que se sabe é que o intrépido pioneiro do Espiritismo no Amazonas cumpriu seu dever. E o fez com profundidade e determinação, legando para a posteridade um exemplo inigualável de zelo por esse legado celeste hipotecado nas mãos dos homens. Ele soube compreender que possuía um tesouro diamantino, que não podia ser amesquinhado nem pelo descuido de seus seguidores e nem pelo desdém dos ignorantes de seu valor.

Assim pensando, venceu indecisões e cheio de ousadia virtuosa questionou o cientista laureado, perenizando uma bela página do Espiritismo no Amazonas. Nenhum dos dois venceu, mas o bem triunfou e a verdade se fez altaneira, espargindo luz para todos aqueles que tiveram contato com os escritos destemidos e bem fundamentados, de Raymundo de Carvalho Palhano.

Referências

BRAGA, Robério. **Raymundo Palhano: um pouco de história e herança**. In: Anais do III Simpósio FAK, Manaus/AM, 2013.

LINS, Lisa Mara de Barros e MACHADO, José Alberto da Costa. **O Guia e seus conteúdos: diversidade, atualidade e profundidade**. In: Anais do III Simpósio FAK, Manaus/AM, 2013.

MELO, Santa Maria e MACHADO, José Alberto da Costa. **O Guia e os registros do movimento espírita pioneiro em ação**. In: Anais do III Simpósio FAK, Manaus/AM, 2013.

MELO, Santa Maria e MELO, Orlens. **Circunstâncias históricas do Estado do Amazonas à época do surgimento do Espiritismo em suas terras.** In: Anais do I Simpósio FAK, Manaus/AM, 2009.

MACHADO, José Alberto da Costa. **Uma possível periodização da história do movimento espírita no Amazonas.** In: Anais do I Simpósio FAK, Manaus/AM, 2009a.

MACHADO, José Alberto da Costa. **Movimento espírita no Amazonas: sistematização de um programa de pesquisa para ampliar o conhecimento de sua história.** In: Anais do I Simpósio FAK, Manaus/AM, 2009b.

MAGALHÃES, Samuel. **Charles Richet, o apóstolo da ciência e o espiritismo.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007. 360 p.

NEVES, Elvis Caldas e FREITAS, Narciso Passos. **O Guia: as circunstâncias de circulação e as características de contribuição.** In: Anais do III Simpósio FAK, Manaus/AM, 2013.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925).** Dissertação de Mestrado: São Paulo, PUC, 2005.